

Dos Ciberfeminismos aos Feminismos em Redes Sociais Online.

Ferraz Pereira Cláudia.

Cita:

Ferraz Pereira Cláudia (2017). *Dos Ciberfeminismos aos Feminismos em Redes Sociais Online*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/1666>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sobre os Ciberfeminismos e Ativismos Feministas em Rede Social Online – os feminismos mediados pelas tecnologias da comunicação online.

Claudia P. Ferraz¹

RESUMO: Esta proposta de apresentação reflete sobre os ciberfeminismos emergentes ao final do século passado, lançando os primeiros questionamentos sobre as possibilidades do ambiente digital estarem dotadas de poder revolucionário, ou apenas representarem a re-colonização do ciberespaço. Pelo método observação oculta para monitoramento em páginas feministas em redes sociais digitais, trabalha dados que explicitam a apropriação das tecnologias de comunicações pelas mulheres na ação política, para manifestarem-se, em vista de clamar, reclamar e conscientizar por justiça, direitos e democracia

Palavras Chave: Ciberfeminismos; Ativismos Feministas; Tecnologias da Comunicação Online.

ABSTRACT: This proposal of presentation reflects on emerging cyberfeminisms at the end of the last century, launching the first questions about the possibilities of the digital environment being endowed with revolutionary power, or just representing the re-colonization of cyberspace. By means of the obscure observation method for monitoring feminist pages in digital social networks, there are data that explain the appropriation of communications technologies by women in political action, in order to demonstrate to claim to raise awareness for justice, rights and democracy.

Keywords: Cyberfeminisms; Feminist Activism; Online Communication Technologies.

Introdução

O desenvolvimento da pesquisa observa que o uso das tecnologias da comunicação como aliada à política das mulheres, não é um fenômeno recente, surgiu simultaneamente com o advento da internet. Um marco deste fato se dá pela atuação dos movimentos ciberfeministas durante os anos noventa. Tais movimentos buscavam a produção artística através das teorias feministas francesas e da inspiração sob o “Manifesto Ciborgue” de Donna Haraway (1985). A

¹Graduada em Ciências Sociais. Mestre em Antropologia pela PUC-SP. Doutoranda em Ciências Políticas no Programa da Pós Graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP. Bolsista CNPQ. Membro do Grupo de Estudos inscrito no CNPQ: Juvenália (Sobre Políticas, Juventude e Consumo) do Programa de Pós Graduação da Faculdade ESPM. claudiapferraz7@gmail.com



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

obra desta autora, é considerada uma das mais influentes e inspiradoras da ciência sobre a tecnologia feminista. Mackenzie e Wajcman (1999:06), afirmam a relevância deste manifesto, quando fazem entender que, mesmo diante algumas ponderações questionáveis no ataque à ciência e à tecnologia, ela foi capaz de construir uma rejeição de tais modelos institucionalizados de maneira patriarcal e capitalista, em favor de um retorno mítico da potência positiva da ciência e da tecnologia a partir da ciborgue. Ou seja, foi capaz de conceber um ideal libertador sobre tais conceitos. Esta presente pesquisa observa a importância de tal fato, quando ainda pela observação da dupla de autores acima citados, constata que a tecnologia é moldada pelo social. Ou seja, a tecnologia é uma ciência aplicada para cobrir utilidades que reagem às esferas econômicas e políticas, assim como culturais e técnicas. Portanto, um corte nesta estrutura da tecnologia das comunicações, mesmo de modo metafórico para sentido do manifesto, faz-se capaz de reconstruir a subjetividade para reconstrução da potência mulher-tecnologia.

Pode se afirmar por Langdon Winner (1983:3), que a *política dos artefatos* produzidos pela tecnologia, encarna certas formas de poder e hierarquia, assim como, Wajcman (1991:89), faz refletir a importância de distinguir as diferentes fases dos processos de industrialização envolvendo o desenvolvimento das diferentes tecnologias. Onde a relação do homem com a tecnologia é bem diferente da mulher, pois a noção cultural de masculinidade compete ao uso e ao reparo das máquinas. Para que assim, as máquinas se constituam como a extensão do poder masculino marcado sobre seu controle em torno do aparato tecnológico.

No percurso histórico sobre o questionamento da tecnologia à serviço das mulheres, a colocação de Wajcman (1991:02) alega que a base do raciocínio e da razão patriarcal é a origem do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. O que traz como consequência, segundo ela, o olhar sobre a mulher que a subordina ao considera-la demasiadamente emocional para se engendrar no desenvolvimento tecnológico e científico. Desse modo, teóricas feministas produzem um contraponto importante à base da razão tecnológica, produzindo uma ciência questionadora dos parâmetros comumente aplicados socialmente, no âmbito da ciência e da tecnologia em suas relações de poder na sociedade.

Quanto a metodologia, para o estudo teóricos dos ciberfeminismos, sobre os dados nas páginas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

feministas online e seu reflexo nas ruas, exige-se um método que de conta da grande parte da fonte esteja na busca online. Ou seja, a fonte de dados primários derivam do campo digital da pesquisa, assim como todo seu desenvolvimento. Para tal, emprega a observação oculta², e o arquivamento de dados constantemente nas páginas e comunidades selecionadas no Facebook.

O trabalho de Donna Haraway (2015:02.03,15) sobre os estudos científicos dos feminismos também se fez essencial como referencial metodológico, pois inspira o estímulo dos diferentes olhares sobre os feminismos - *decodificando-os, transcodificando, traduzindo-os de maneira crítica*, estimulando desta forma, os deslocamentos para categorização entre os diferentes feminismos e ciberfeminismos. Esta pesquisa também se orienta na obra de Latour (2012) e sua teoria “ator rede”, possibilitando as análises das conexões entre as atrizes sociais-digitais atuantes em rede e na elaboração de pastas como diários de campo ao estudo dos diferentes ciberfeminismos. Tais autores apontaram o caminho da metodologia, sobre os dados coletados em análises que convergem com outras bibliografias as quais, trazem luz ao fenômeno dos feminismos contemporâneos nas redes e nas ruas, partindo do estudo sobre os feminismos mediados pela tecnologia das comunicações. Em referência à metodologia de estudo, Haraway coloca que, *os saberes localizados na questão da ciência a para o feminismo*, inspiram-se na metáfora como um convite à investigação científica, para emergência de modelos de paradigmas e não de fechamentos. É a possibilidade de *intervir nos padrões de objetificação* do mundo, o qual pertencemos e somos responsáveis. Sugerindo a utilização metafórica, pelo processo da *simbiose* com o *real*, enriquecendo demasiadamente a produção científica.

1. Sobre os Ciberfeminismos

² O exercício de observação oculta proposto por Skågeby (2013) – com ingresso às páginas, mas sem participação e interação com o grupo ou atores estudados em rede social/digital, é um método para fidelidade aos dados, o qual remete ao pretensão aprofundamento desta pesquisa, à teoria de Latour (2012) p.231, quando analogamente, ao estudo do Ator-Rede é remetido a um cuidado extremo do pesquisador para não manipulação de sua ação, optando assim, por uma narrativa descritiva com desarranjos de associações leais aos dados coletados, visando manter a garantia da atualização dos dados.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A inspiração em “*Manifiesto Ciborgue*”, base dos ciberfeminismos, coube quando sua manifestação contesta a visão única da narrativa política e a aponta como força das *piores ilusões*. Em seu pensamento, a política-ciborgue seria, então, fruto da *premonição ao conceito da biopolítica*. Onde o fundamento de tal conceito, sob o ponto de vista de Foucault, faz-se essencial para extrapolar a visão ideológica dicotômica entre as estratégias das democracias, pautadas na cultura de mercado e na organização desempenhada pelo estado.

Uma importante definição sobre o movimento ciberfeminista, foi a elaboração de uma paródia *sobre o que o Ciberfeminismo não é: a 100 Anti-teses*³, repercutindo as cem negações constitutivas de sua proposta, no centro da política ciborgue. Tal texto de *Las Cyborgues*, diz que a ironia desta *ante tese*, distanciou o ciberfeminismo do feminismo tradicional, que evidenciou seu desprezo sobre a ferramenta tecnológica para intuito político destas feministas.

Para localizar melhor os Ciberfeminismos, Ileana Stofenmacher (2013:01), em seu texto sobre a *feminização da rede*, conta que o movimento Ciberfeminista a princípio nasceu no final do séc. XX em Adelaide, uma cidade da Austrália, no momento em que um grupo de trabalhos e estudos, composto por *Josephine Starrs, Juliana Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barrat*, decidiram trabalhar com arte e teoria feminista francesa, além de prestarem homenagem a Haraway e seu conceito ciborgue em sua primeira obra-texto artística: *Vns Matrix – Manifiesto para o séc. XXI*. Após algum tempo, esta onda atingiu grupos intelectuais e feministas localizados na Austrália, Estados Unidos e Europa, numa forma de resposta contra a *cultura popular do jogo de vídeo, Internet e ideologia cyber-punk*.

Os movimentos dos ciberfeminismos clássicos e recentes são correntes distintas, em tempos distintos, mas em ambos contextos, questionadoras ou reprodutoras das redes de poderes do *Império* patriarcal no ciberespaço. A esfera desta indagação começava a se fazer presente no debate entre mulheres ciberfeministas, quando: o Ciberfeminismo Utópico Liberal, liderado por Sandie Plant, defendia que o ciberespaço seria um ambiente de emancipação e de novas possibilidades. Se diferenciando do Ciberfeminismo distópico-radical, pois este movimento, encontrava na essência

³ Disponível em: <http://www.nodo50.org/mujeresred/internet-ciberfeminismo.html>. Em 02/05/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

teórica do trabalho Judy Wacjman, a tese de que a tecnologia do ciberespaço trazia os desdobramentos dos preceitos sociais da colonização e dominação da técnica e da tecnologia como universos masculinos, portanto dificilmente o mundo digital transcenderia a condição normativa da sociedade. E por final, o Cyberpunk em referência ao princípio da ciber rebeldia - vertente da ficção científica que naquele tempo, inspirava-se diretamente no “*Manifiesto Ciborgue*” de Haraway contra as polaridades e hierarquias⁴.

Neste ambiente, os ciberfeminismos seguem o que Faith Willding (1998:09) atribui como a representação da narrativa *irônica e paródica* em importantes manifestações das subjetividades e representações no ciberespaço. Lugar onde encontramos *uma vasta articulação feminista e proto-feminista*, segundo ela. É onde se afirmam os ciberfeminismos sociais como movimentos baseados na conexão entre os princípios *antiglobalização neoliberal e direitos humanos*, ou seja, *feminismos como estratégias de transformação social* pela apropriação da tecnologia. A atmosfera ao final do século XX, inspirava uma revolução tecnológica pela realidade eletrônica transformando a vida social. A *Techno-utopian*, foi a terminologia desenvolvida por Wilding (1998:12), usada na qualificação das respostas ciberfeministas para as desconstruções dos valores patriarcais dominantes na questão de gêneros. Reprogramando o sentido da tecnologia de comunicações, com vista em dar suporte à transformação da condição normativa da mulher, partindo na ideia de dissolução dos gêneros. E pelo fato do Facebook⁵ americano conter mais de cinquenta e seis tipos de gêneros, acende a reflexão sobre a tendência ao não binário e dicotômico simbolizada na rede social/digital e as raízes ciborgue/ciberfeministas inaugurando este rompimento na rede. Para Wilding, a junção entre *ciber* e *feminismos* criou uma importante formação na história do feminismo e na mídia eletrônica do tecnocapitalismo⁶. Determinando assim, o trânsito transnacional na participação dos ativismos feministas pela liberdade e justiça às mulheres, e nas construções das não normativas,

⁴ Baseado no artigo sem autoria intitulado: Nuevas tecnologías, género, ciberfeminismos e reapropiaciones tecnopolíticas. Disponível em: www.cibersociedad.net/congres2009/es/161. Acesso: 20/02/1015.

⁵ Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/2014/02/56-opcoes-genero-facebook/> Acesso:20/08/2017

⁶ O Tecnocapitalismo é pensado na dimensão desta presente pesquisa, como fruto do sistema de relações capitalistas, em que técnica e a tecnologia vão atingindo a percepção de mundo, fortalecendo os individualismos que não se afetam pelo afeto e pelo sentimento de coletividade. Seus dispositivos de percepções são ativados pelas dicotomias e hierarquias.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

identidades gêneros da contemporaneidade tecno-capitalista. Embora o termo *ciber* seja originário de uma vontade de poder e controle que se evidenciava sobre as convicções norteadoras da cibernética, sua conjuntura com os feminismos, pode oferecer possibilidades dos feminismos revigorarem-se pelo o uso das mídias eletrônicas online, e suas práticas digitais. Para ela, estes movimentos proporcionaram o *empoderamento* das mulheres pela *tecno cultura*. No entanto, diz que precisam evitar danos prejudiciais, quando não abordam questões contidas no feminismo tradicional, relativas à *exclusão, lesbofobia e racismo*, desprezando as análises e estratégias feministas acumuladas até então. Nos coloca que, a definição em torno do ciberfeminismo pode ser *fluida, e afirmativa* nas estratégias e metas dos feminismos contemporâneos. E sua a grande colaboração, está no fato das ciberfeministas elaborarem uma vasta leitura e projetos web ao redor da *Teoria da visibilidade da diferença sexual*, sobre a representação online da mulher em escala digital. Os questionamentos ciberfeministas colaboraram imensamente em tornar a mulher visível nas tecnologias da comunicação do tecnocapitalismo, criticando os valores *falocêntricos da tecnociência*, na dominação capitalista global das redes de comunicação. Ainda seguindo o pensamento da autora, coube a tais movimentos, redesenharem as pesquisas e estratégias da vanguarda feminista, no entanto, *necessitam de crítica sobre as construções utópicas das relações no ciberespaço*, e sobre o patriarcado atuante nos dispositivos da biopolítica em códigos totalizadores do comportamento. Ela defende, a necessidade de uma *declaração ciberfeminista de solidariedade* entre as iniciativas do feminismo *pós colonial*, com a tecnologia da comunicação no suporte das estratégias políticas na era tecno-capitalista.

No artigo *The true about Ciberfeminism*, Cornelia Sollfrank (2004:01-04) cita o site Old Boys Network⁷ como o site que tem as respostas mais satisfatórias sobre as diretrizes dos ciberfeminismos. Mesmo que sejam muitas vezes, respostas contraditórias elas fazem compreender que os ciberfeminismos se focam no *meio digital*, formando um veículo de discussão sobre *métodos, teorias, arte ou política feminista*. Justificando-os como uma versão atualizada dos feminismos, dedicada aos novos pontos políticos levantados pela *cultura global* e pelas *sociedade das mídias*,

⁷ Old Boys Network (1994-2001) coletivo artístico e ativista ciberfeminista fundado por Cornelia Sollfrank. Disponível em: www.oldboys.org -. Acesso: 20/08/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

representando um *produto*, e/ou uma *estratégia de marketing*; ou seja, muito mais que um feminismo *voltado à ironia* e a *nova ordem* do *pancapitalismo* com seus aparatos tecno mercadológicos aspirando outras identidades e sexualidades.

O prefixo Ciber, ultimamente, pode ter caído em desuso entre as feministas da rede online, mas na era pré eclosão da internet, aspirava um novo mundo, e foi amplamente usado em termos que Sollfrank (2004:05) cita em possíveis combinações como: *cybersex*, *cyberhippie*, *cyberbody* e *cyberespace*. Por outro lado, alerta sobre uma análise crítica pelas possibilidades de controle passível da conexão online trazendo conclusões desencantadoras sobre a realidade da internet e seu lado como instrumento de dominação. Ela lembra que o termo Ciberfeminismo é junção de duas palavras: *ciberespaço* com *feminismo* foi cunhado em mil novecentos e noventa e dois, antes do grupo de arte ciberfeminista VNS-Matrix de Adelaide, na Austrália, pela já citada teórica inglesa Sandie Plant – estes, foram considerados como os primeiros a fazer o uso do termo. Assim, para Sollfrank, ciberfeminismo é resultado de um debate ciberpolítico que se apropria da simbologia do prefixo *ciber* para tratar a questão de *gênero* pelos feminismos. Revitalizados agora pelas tecnologias da comunicação online. Cabe apontar que, a era pós internet apresentou uma realidade menos utópica e mais distópica, quando ela se torna agente do governo neoliberal através do poder corporativo e da capacidade de espionagem pelo estado. Outro aspecto colocado por ela é que o número de mulheres na tecnologia que dos anos noventa, para cá diminuiu ainda mais. Contudo, por ser um conceito aberto e múltiplo, para mencionada, a tecnologia mesmo sendo fruto do poder, pode ser ativada contra o poder, engajando as mulheres, bem como inspirava o manifesto de Haraway. Outro texto de Sollfrank, *Revisiting Cyberfeminism* (2015:02), alega que, pela perspectiva histórica, os Ciberfeminismos tiveram um grande número de protagonistas, foram muito variados com tempos e agendas contraditórias, ela sugere que os ciberfeminismos não constituem algo já determinado, pelo contrário, é uma terminologia que ainda precisa ser preenchida de sentido e é dentro desta proposta, que esta pesquisa visa apresentar o sentido para compreender os feminismos nas redes, nas mídias e nas ruas como um efeito, impensado nos anos noventa, de plataforma tecnológica que agregaria os mais diferenciados feminismos, como resistência aos valores do patriarcado.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tal fato leva este presente estudo, a refletir sobre a hipótese dos ciberfeminismos desdobram-se nos recentes feminismos em rede social. Assim como as marchas feministas contemporâneas serem alavancadas pela tecnologia da comunicação online e as novas representações em atores sociais/digitais que atuam socialmente nas redes e nas ruas. Se o forte lema dos feminismos tradicionalmente era considerar a intimidade da vida da mulher como política, dados sobre a intimidade da vida da mulher podem ser disseminados pelas usuárias das redes sociais online, clamando por rede de apoio, desabafo, agenda ou proteção. Os dados, recolhidos do campo online da rede social desta pesquisa, revelam que a tecnologia pode ser aliada das causas feministas. O que faz refletir sobre a hipótese, elaborada a partir dos feminismos em rede online, serem pensados como continuidade dos velhos ciberfeminismos, mesmo sem ser projeto das primeiras ciberfeministas. Ambos casos, levantam de diferentes maneiras e práticas, a reflexão sobre a potência política do ciberespaço e das redes sociais online como plataformas onde grupos agem em pró as causas das mulheres em canais digitais de comunicação

3. Feministas em Redes Online e o diagnóstico da Necropolítica na condição feminina.

Como parte da tese, que está em andamento, investigando as relações entre mulher, tecnologia e política, esta pesquisa está buscando entender a potência do artefato da tecnologia da comunicação em rede social como potência para uma outra maneira de se fazer política entre as mulheres. É a ciberpolítica feminista visando subverter os ideais das estruturas sociais fincadas no ideal patriarcal e na cultura de mercado, tão presentes nos valores intrínsecos à tecnologia, revelando assim, o caráter ambíguo da própria tecnologia. Considera-se também há no feminismo online, propostas que não criticam o sistema econômico como a página do Facebook “Feminismo Liberal” focando no direito à inserção no mercado sem confronta-lo, diferentemente de outros feminismos guiados por propostas opostas, revolucionárias como nas comunidades feministas do Facebook: “Pão e Rosas”, “Faísca – Anticapitalista e Revolucionária”, “Feminismo Marxista” e “Feminismo sem Demagogia”, as quais seguem ativando a potência de subversão pelos questionamentos sobre os valores patriarcais, estruturantes do capitalismo como sistema.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A análise dos dados subtraídos das páginas e comunidades feministas online recentes, trazem a condição a vulnerabilidade da mulher pela morte, acendendo do conceito da *necropolítica* do estado e dos moralismos sociais, operantes fatalmente na violência de gênero. Serviram neste presente estudo, como amostras que se aproximam deste diagnóstico, as fontes derivadas das páginas do Facebook: *Geledés*⁸, *Transfeminismo*⁹, *Mães de Maio*¹⁰ e *Feminismo sem Demagogia*¹¹. Aspectos como a questão do aborto, estupros, assassinados de mulheres, violência doméstica, lesbofobia e transfobia, estão entre os assuntos que mais repercutem publicações nas páginas ciberativistas feministas no Facebook.

“Geledés”, comunidade acompanhada no Facebook, conforme sua apresentação de capa, representa a organização criada em mil novecentos e oitenta e oito, com meta de lutar contra *o racismo e o sexismo*, promovendo a *valorização das mulheres negras e o debate sobre políticas públicas de inclusão*. É a contestação às vozes cruéis e perversas do colonialismo, ainda gritando no tecnocapitalismo. Defende o *princípio de igualdade e oportunidades para todos*, onde muitas vezes, nas expressões de suas postagens, deixam clara a revolta contra a supremacia colonialista, branca, historicamente construtora de padrões nos modelos de beleza e categorização de mulheres: as que “servem” ao casamento, às relações sexuais, aos cuidados da casa, dos filhos e assim por diante. Dentro da categoria de análise entre os diferentes feminismos, pelo processo histórico do colonialismo, constata-se que as negras, historicamente saem com mais cicatrizes e são grande vítimas do feminicídio em relação às brancas.

Como discorre Haraway (1993:286) o princípio da diferença do feminismo pode ser constatada no artigo intitulado, *O humano numa paisagem pós humanista*. Onde, ela diz que nos Estados Unidos do século XIX, as mulheres possuidoras das liberdade no sistema patriarcal branco eram bastante oprimidas mas valiosas como progenitoras, *herdando os negros e negras como propriedade*. Enquanto as brancas, se enquadravam na *necessidade de descendência racialmente “pura”*; as negras eram a propriedade que tal descendência garantia. Tal fato, colocava as mulheres

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/?fref=ts> : Acesso em: 2/08/2017.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts> :: Acesso em: 08/07/2017.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/maes.demaio/?fref=ts> Acesso em: 08/07/2017.

¹¹ Disponível em: <www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts> : Acesso em: 02/08/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que desfrutavam de uma certa liberdade em espaços *simbólicos*, diferentes, das que não tinham liberdade nenhuma. Tornando essas *assimetrias, muitas vezes, incompatíveis* a ponto de trazer seus os perversos efeitos até os dias atuais. Por consequência do colonialismo, as mulheres negras ainda representarem as principais vítimas de violência, em comparação às brancas.

Um ponto interseccional dos feminismos, está a questão do direito ao aborto, ponto que também pode delimitar o trabalho de morte da biopolítica. Nas páginas feministas online, encontram-se a reivindicação sobre o direito ao próprio corpo e a própria vida na escolha em prosseguir ou não a gravidez. As estatísticas sobre a morte da mulher pelo aborto ilegal, se faz exemplo, da consequência da moralidade social exercendo a *necropolítica* na política nos corpos femininos. Segundo o site Woman on Waves¹², cerca de quarenta e sete mil mulheres morrem por ano, no mundo, devido às *complicações no útero, hemorragias ou pelos efeitos tóxicos de substâncias e métodos indutores do aborto*. Aqui, a biopolítica, em nome da vida do embrião gera a necropolítica sobre o corpo da mulher, quando ela não possui condições dignas à opção do aborto. A biopolítica, em nome da ordem normativa pautada no conservadorismo religioso, não se permite, a ocupação livre da mulher sobre próprio corpo, onde ser sujeito de si mesmo, torna-se um risco. É a fundamentação da política fascista sobre o ideal de direito, julgando quem vai merecer viver ou quem ser abandonado à morte. Seguindo a lógica descartável e supérflua da vida feminina, ativando a subjetividade e o corpo feminino, tecnicamente, para agir socialmente, pelo viés normativo tradicional. Graças à ainda persistente idealização social da mulher passiva e procriadora - dos séculos passados, quando não era protagonista das escolhas e caminhos de suas próprias histórias.

Outro fato que explicitou os moralismos fatais como combustível da necropolítica, foi no dia dois de julho de dois mil e dezesseis, quando a página do Facebook chamada Transfeminismo¹³ publicou um vídeo sobre o brutal assassinato da transexual Laura Vermont¹⁴, e é possível assistir à cena onde sua mãe, chorando desesperadamente diante da presença dos assassinos no julgamento, reclamava dos algozes alegarem o ato do crime, em nome da “família”. E, desesperadamente, ela

¹² Woman On Waves. Disponível em <http://www.womenonwaves.org/pt/page/380/safe-abortion-saves-women-s-lives>. Acesso em 08/08/2017.

¹³ <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>. 12/08/2017.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=MwJQz3S2Qm4> 12/08/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

perguntava às câmeras: - *E a minha família?* O desespero e dor desta mãe, demonstra o quanto a defesa do estado e da religião pelo modelo tradicional normativo da família, pode produzir o ódio, a não aceitação, o estigma e em última estância, a morte.

O contexto tecno-capitalista mecaniza, digitaliza as relações e interliga as subjetividades em rede online. Onde tornam-se indiferentes os limites entre as relações pessoais e as conexões sociais digitais. Na sociedade técnica, do tecnocapitalismo, por Marcuse, fica possível entender sua lógica, mesmo antes dos fenômenos dos dispositivos em rede social digital. O olhar do autor, se faz visionário ao expor os aspectos do sistema, que *impulsionam a dominação das regras do aparato*, estendendo *sua ordem às relações sociais*. Concebe-se então, que a cultura da dominação, da força, e da morte, tão presentes no colonialismo, desdobra-se no tecnocapitalismo brasileiro, deixando seus espectros operarem na vida da mulher de modo nefasto.

Percorrendo a página Feminismo sem Demagogia¹⁵, uma publicação em treze de setembro de dois mil e dezesseis, apresenta dados sobre a violência e a dominação surtindo efeito da *necropolítica* operante na vulnerabilidade da condição social feminina. Pois, segundo a pesquisa publicada nesta página, realizada pela Secretaria de Políticas para Mulheres do Governo Federal, a cada doze minutos, uma mulher é violentada no Brasil. Pela exibição do Mapa da Violência, a cada dez minutos, uma mulher é estuprada. E através do IPEA, demonstrou-se que a cada noventa minutos, uma mulher é assassinada no país. Sem contar os dados de outras mortes, como nas condições precárias de aborto, transfobia e lesbofobia, conforme exposto anteriormente neste texto.

Parafrazeando Mac Gregor (2013:23) e sua leitura de Mbembe, o estado de soberania e exceção, assim como a conformação da sociedade sobre a *descartabilidade da vida* selam *um acordo muito mais profundo* que com os *fascistas do séc. XX e mesmo aos dos processos de colonização* - por sua estrutura contemporânea estar sempre fortificando intensamente a hegemonia dominante e suas redes de poderes.

¹⁵ <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/posts/1108155789276409>.

Acesso em: [12/08/2017](#).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nota-se pelos feminismos online, a possibilidade de ferramentas, afim, de elucidar, pensar e contestar sobre a política contemporânea e os valores da sociedade que contemplam a *lógica de administração* da violência, dominação e morte. O que leva a compreensão sobre os *fascismos não estarem localizados na história do passado*, já que as suas condições, ainda seguem operando na base do tecnocapitalismo global.

Cabe finalizar, acrescentando que ao aspecto da contestação, é onde a atuação feminista segundo Haraway (1993:289) defini sua política como campo, na prática de recusar *repetitivamente* as *teorias dominantes*. Onde o desenvolvimento das tecnologias da comunicação estão oferecendo espaços para dar vozes e construir redes de apoio entre as mulheres.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo, repercutem sobre as novas atuações ciberfeministas redimensionando suas propostas nas redes e nas ruas, levando em consideração a amplitude e abrangência do tecnocapitalismo, onde historicamente, interligam-se as opressões de gênero às questões políticas e econômicas. As ciberfeministas como propostas de questionamentos diferentes sobre a tecnologia, desdobram-se nos ativismos feministas online, sem que isso fosse um projeto consciente das ciberfeministas do final do séc. XX. Porém, entre suas pautas, ainda destaca-se a resistência sobre o modelo tecno-capitalista entrelaçado aos valores patriarcais e dominantes economicamente. Os recentes ciberfeminismos, em grande parte, reconhecem o vetor do sistema totalizador, ao mesmo tempo, discriminador e normatizador do controle e da violência contra os espectros femininos do ser humano. A conexão e participação em redes sociais digitais, também marca a essência deste tempo. Sobrepondo-se a atividade de ócio, narcisismo e entretenimento, em privilegio da conexão em comunicação digital, articulada politicamente. Este fato social tende a viabilizar denúncias e questionamentos, os quais esta pesquisa se encarregou de abordar, quando estão relacionados aos feminismos e a atuação da necropolítica na vida da mulher brasileira.

Outro aspecto, que esta pesquisa pretendeu destacar, está sobre o sistema atuante no tecnocapitalismo enaltecer as inovações – contemplando as tecnologias de ponta, em detrimento das razões críticas sob as consequências da exacerbação consumista, implicando na descartabilidade dos objetos, pessoas e relações. Os movimentos feministas desdobrados nos ciberfeminismos e



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

feminismos em rede social online, podem reforçar a resistência, à histórica estrutura de poderes, hegemonicamente capitalistas e patriarcais; alimentando os dispositivos de subjetividades com a potência de transmutação e transformação sobre valores das bases patriarcais do tecnocapitalismo. Como representação deste movimento dos dispositivos, a máquina em conexão em rede social online pode ser vista como um campo fruto do ideal colonizador e patriarcal. Mas é visualizada também como um campo que pode proporcionar elementos para a reinvenção das subjetividades.

Esta pesquisa está cumprindo seu projeto de localizar nas redes sociais digitais e nas ruas, remetendo novamente, ao que Foucault (1991) e seu prefácio à obra de Deleuze e Guatarri, traduz pela busca do *desejo*, em sua intensidade *política*, podendo *reverter a ordem* que ainda permanece sob a norma dominante, violenta e fascista - *vigorando nos desejos das massas*. A pesquisa vem assim, verificando onde a prática política feminista pode agir socialmente, intensificando o pensamento, culminado em outras maneiras de pensar e intervir politicamente.

Compreendendo desse modo, que o *indivíduo é produto do poder*, conforme as palavras de Foucault, esta tese está percorrendo sua proposta de *agenciamentos em diversos deslocamentos* feministas que incorporam a tecnologia nos feminismos com ação crítica no questionamento das redes de poderes baseados nos padrões de normatividade hétero-normativa, com ideal dominante no soberano branco, aristocrático e repleto de posses. As análises dos feminismos online, coletadas para este estudo, mostram subversão ao uso comum da tecnologia da comunicação, apropriando-a como fonte de contestação, estratégia de articulação, proteção e diálogo contra os transfigurados fascismos cotidianos, enraizados na matrizes do pensamento brasileiro. Lançando ainda, seus espectros na dominação dos valores, que seguem ditando as regras sobre o corpos, as moralidades e os costumes impostos às categorias femininas, comumente, subjugadas pelo sistema tecnocapitalista.

Aberto à pluralidade de vozes e discursos ciberfeministas, o ciberespaço com suas redes sociais é um espaço público não alheio aos sistemas de dominação social e/ou gênero, porém aqui, coube considera-lo também, o espaço com potência política. E, entendendo a consideração do feminismo tradicional, sobre a intimidade ser política; o campo digital viabiliza a intimidade da mulher traduzida em sua subjetividade na rede, justificando desta forma, o ciberespaço em conexão,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

como um campo público, de alta potência política para as mulheres. Compete então, finalizar, salientando que, considerável parte dos ciberfeminismos, mapeado na *multidão ciborgue*, confrontam e enfrentam as estruturas de poderes do teco-capitalismo mediado pelo estado, onde aqui, as mulheres e suas ações feministas são as *subjetividades desviantes*, que pensam, clamam e reclamam nas redes e nas ruas por uma forma mais justa e democrática de viver e existir – na pretensão de interagir e se apropriar com autonomia, o aparato das tecnologias materiais e sociais do mundo para torna-lo mais humano, que técnico.

BIBLIOGRAFIA

DANIEL, Jessie, 2012. Rethinking Cyberfeminism: Race, Gender and Embodiment; Disponível em https://www.researchgate.net/publication/236786509_Rethinking_Cyberfeminisms_Race_Gender_and_Embodiment. Acesso: 20/05/2017.

FOULCAULT, Michel: *Introdução a uma vida não fascista* : Tradução de Carmem Bello, Rio De Janeiro. Holon Editorial, 1991. In: O Anti- Édipo – prefácio. NY, 1987. Extraído de: Dossier Deleuze , organizado por Carlos Henrique de Escobar. Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20Anti-edipo%20-%202022jun13.pdf> . Acesso:20/05/2017.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborg* – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX, 1985. Disponível em: <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>. Acesso:05/05/2017.

HARAWAY. Donna. Saberes localizados: a questão do feminismo e o privilegio da perspectiva parcial, 2015 Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf . Acesso: 20/04/2017

HARAWAY, Donna. O humano numa paisagem pós humanista. Revista Estudos feministas, n.2, 1993. Tradução Marcos Santarrita.

HARDT, Michel; NEGRI, Toni. *Multidão*: Tradução: Clovis Rossi Marques; Rio de Janeiro, ed Record, 2005.

MBEMBE, Achille; Necropolitics. Translated by Libby Meintjes, Duke Universit, 2003. Disponível em: <https://www.dartmouth.edu/~lhc/docs/achillembembe.pdf>. Acesso:20/08/2017.

MAC GRAGOR, Helena Chaves - *Necropolítica - A política como trabalho de morte*. Revista Ábaco, V.4 numero 48. Miradas Sobre um Fascismo Insistente. México, 2013



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MARCUSE, Herbert; *A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*; Tradução de: Giasone Rebuá. Ed. Zahar, 1979

LATOUR, Bruno; Reagendando o Social – uma introdução às teoria Ator-Rede. Tradução do Gilson Cesar de Sousa; Salvador/Bauru. ed. EDUSC, 2012.

MAKENZIE, Donald; WAJCAMN, Judy. *The social Shaping of Technology*. Open University Press, Buckeingham, 1999.

SOLLFRANK, Cornelia, 2004. *The true about Ciberfeminism*; Disponível em:
http://www.obn.org/reading_room/writings/html/truth.html. Acesso em 20/08/2017.

SOLLFRANK, Cornelia, 2015. *Revisiting Ciberfeminism*; Disponível em:
http://www.artpapers.org/feature_articles/2015_0506-cyberfeminism.html. Acesso em: 20/08/2017.

SKÅGEBY, Jörgen. *Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community*. Sweden: Ed. IGI Global, 2013.

WILDING, Faith ; *Where is the Feminism on Cyberfeminism? – The Feminist*, 1998.
II Paradoxa, V. 2 E- Zine, 2013. In: www.feministezine.com/feminist/cyberfeminist.html

WINNER, Langton 1983, *Tienen Política los Artefacto?* Open Univesity Press, Filadélfia.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

(Incluir sólo la citada en el texto)